opusdei.org

O respeito cristão pela pessoa e pela sua liberdade

São Josemaria Escrivá, fundador do Opus Dei, pronunciou esta homilia — «O Respeito Cristão pela Pessoa e pela sua Liberdade» — no dia 15 de Março de 1961. Extraímos o trecho inicial para a reflexão dos leitores. A íntegra desta homilia encontra-se no livro «É Cristo que Passa», publicado no Brasil pela Editora Quadrante. As obras do fundador do Opus Dei também podem ser encontradas, em formato

eletrônico, no site http://www.escrivaworks.org.br.

03/11/2005

Acabamos de ler na Santa Missa um texto do Evangelho segundo São João que nos relata a cena da cura milagrosa do cego de nascença. Penso que todos nos comovemos uma vez mais perante o poder e a misericórdia de Deus, que não olha com indiferença para a desgraça humana. Mas gostaria agora de fixar a atenção sobre outros aspectos, para que compreendamos que, quando há amor de Deus, o cristão também não pode permanecer indiferente perante a sorte dos outros homens e sabe por sua vez tratar a todos com respeito; e que, quando esse amor decai, surge o perigo de se invadir, fanática e impiedosamente, a consciência alheia.

Ao passar - diz o Santo Evangelho - *viu Jesus um cego de nascença (Ioh IX, 1).* Jesus que passa. Com frequência me tenho maravilhado perante esta forma simples de relatar a clemência divina. Jesus passa, e logo se apercebe da dor. Consideremos, em contrapartida, como eram diferentes os pensamentos dos discípulos naquela ocasião. Perguntaram-lhe: *Mestre, quem pecou, este ou seus pais, para que nascesse cego? (Ioh IX, 2).*

Os falsos juízos

Não nos deve causar estranheza que muitas pessoas, mesmo entre as que se consideram cristãs, se comportem de forma parecida. Antes de mais nada, imaginam o mal. Sem prova alguma, pressupõem-no; e não só admitem essa ordem de pensamentos, como ainda se atrevem manifestá-los num juízo aventurado, diante da multidão.

A conduta dos discípulos poderia benevolamente ser qualificada de leviana. Naquela sociedade - aliás, como hoje; nisto, pouco se mudou -, havia outros, os fariseus, que faziam dessas atitude uma norma. Lembremo-nos de que maneira Jesus Cristo os denuncia: *Veio João, que não come nem bebe, e dizem: Está possesso do demônio. Veio o Filho do homem, que come e bebe, e dizem: É um comilão e bebedor de vinho amigo de publicanos e pecadores (Mt XI, 18-19).*

Ataques sistemáticos à fama, conspurcação da conduta irrepreensível. Essa crítica mordaz e lancinante atingiu o próprio Jesus Cristo, e não é raro que alguns reservem o mesmo sistema para os que, embora conscientes de suas lógicas e naturais misérias e erros pessoais - pequenos e inevitáveis, dada a humana fraqueza, acrescentaria -, desejam seguir o

Mestre. Mas a comprovação dessas realidades não nos deve levar a justificar tais pecados e delitos - falatórios, como lhes chamam com uma compreensão suspeita - contra o bom nome de ninguém. Jesus anuncia que, se o pai de família foi alcunhado de Belzebu, não é de esperar que se conduzam melhor com os de sua casa (Cfr. Mt X, 24); mas também esclarece que *quem chamar néscio a seu irmão, será réu do fogo do inferno (Mt V, 22).*

Donde nasce esta apreciação injusta dos outros? É como se alguns usassem continuamente umas viseiras que lhes alterassem a visão. Não acreditam, por princípio, que seja possível a retidão ou, ao menos, a luta constante por comportar-se bem. Como diz o antigo adágio filosófico, recebem tudo segundo a forma do recipiente: em sua prévia deformação. Para eles, até as coisas mais retas refletem , apesar de tudo,

uma atitude retorcida que adota hipocritamente a aparência de bondade. *Quando descobrem claramente o bem - escreve São Gregório -, esquadrinham tudo para examinar se, além disso, não haverá algum mal oculto (São Gregório Magno, Moralia, 6, 22 (PL 75, 750)).*

É difícil fazer entender a essas pessoas - cuja deformação quase se converte numa segunda natureza - que é mais humano e mais verídico pensar bem do próximo. Santo Agostinho dá este conselho: *Procurai adquirir as virtudes que julgais faltarem aos vossos irmãos, e já não vereis os seus defeitos, porque vós mesmos não os tereis (Santo Agostinho, Enarrationes in psalmos, 30, 2, 7 (PL 36, 243)).* Para alguns, esta forma de proceder identifica-se com a ingenuidade. Eles são mais realistas, mais razoáveis.

Erigindo o preconceito como norma de juízo, ofenderão seja quem for sem mesmo ouvir aos suas razões. Depois, objetivamente, bondosamente, talvez concedam ao injuriado a possibilidade de se defender - contra toda a moral e todo o direito - porque, em vez de arcarem com o ônus de provar a suposta falta, concedem ao inocente o privilégio de demonstrar a sua inocência.

(...) Não posso negar que me causa tristeza pensar na alma de quem ataca injustamente a honra alheia, porque o agressor injusto se arruína a si mesmo. E sofro também por tantos que, em face de acusações arbitrárias e desaforadas, não sabem onde pôr os olhos: ficam apavorados, não as julgam possíveis e perguntam de si para si se não será tudo um pesadelo.

(...) Quantas vezes as insídias dos invejosos ou dos intrigantes não

colocam muitas criaturas honestas na mesma situação! Oferecem-lhe esta alternativa: ou ofenderem o Senhor, ou verem denegrida a sua honra. A única solução nobre e digna é ao mesmo tempo extremamente dolorosa, e têm que resolver: *É melhor para mim cair sem culpa nas vossas mãos do que pecar contra o Senhor (Dan XIII, 22).*

---

pdf | Documento gerado automaticamente de https://opusdei.org/pt-br/article/o-respeito-cristao-pela-pessoa-e-pela-sua-liberdade/ (11/12/2025)